

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**JAQUELINE DAMÁZIO**

**ELAS PASSARAM POR AQUI: RECONHECENDO O SABER FAZER DAS  
ARTESÃS DA RENDA DE BILRO NO PERÍODO DA MINERAÇÃO.**

**(Criciúma-SC, 1950 a 1980)**

**CRICIÚMA**

**2016**

**JAQUELINE DAMÁZIO**

**ELAS PASSARAM POR AQUI: RECONHECENDO O SABER FAZER DAS  
ARTESÃS DA RENDA DE BILRO NO PERÍODO DA MINERAÇÃO.**

**(Criciúma-SC, 1950 a 1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Marli de Oliveira Costa

**CRICIÚMA**

**2016**

**JAQUELINE DAMÁZIO**

**ELAS PASSARAM POR AQUI: RECONHECENDO O SABER FAZER DAS  
ARTESÃS DA RENDA DE BILRO NO PERÍODO DA MINERAÇÃO.**

**(Criciúma-SC, 1950 a 1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Patrimônio Cultural, Cultura Material e Memórias.

Criciúma, 07 de dezembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Marli de Oliveira Costa - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof. Paulo Sérgio Osório –Mestre-(UNESC)

Profa. Odécia Almeida de Souza - Mestre- (UNESC)

**Dedico esse trabalho a minha mãe, que foi minha maior incentivadora. Mulher guerreira que criou sozinha 10 filhos com garra e honestidade, superando todos os obstáculos da vida. Te amo Maria Zélia Brasil Damázio. *(in memoriam)***

## AGRADECIMENTOS

Quando eu tinha tua idade, eu já fazia rendas para ajudar minha mãe e meu pai, ajudava no parreiral de uva, que era bem grande, como do City Clube até a Operária nova [Comparação], não conhecíamos nem todo terreno..., pois não dava! Tinha medo era longe! Mas, meu pai percorria todo o terreno. Depois eu ia para a lagoa com minhas vizinhas para fazer rendas. Ai! Que coisa linda que era...; nos cantávamos e fazíamos rendas, isso aí... até o sol se por.... E muitas rendas, botávamos um varal, e estendíamos as rendas prontas. (Madalena Rocha)<sup>1</sup>

Agradeço primeiramente a Deus, nosso Senhor e Salvador, por me capacitar dia a dia, dando-me força para trilhar essa etapa da minha vida.

Agradeço também a minha querida e amada mãe, Maria Zélia, que sem ela eu não estaria aqui, e foi lembrando de seus ensinamentos que me levantava e seguia a cada vez que pensei em desistir do curso.

Agradeço a meu amigo, companheiro e marido, Anderson Luiz Leonor que sempre esteve presente nos momentos difíceis, pela paciência, pelos favores que faz, pela cumplicidade e principalmente por ter entendido meus momentos de angústia, de choro, impedindo que fraquejasse, sendo meu conselheiro e amigo.

Agradeço a minha orientadora e amiga, Marli de Oliveira Costa, que me orientou neste trabalho, e nas pesquisas do PIC sempre me incluindo, nos seminários e apresentações para poder me ajudar e concluir minha meta desejada, nunca deixando eu esquecer “Jaque postura acadêmica”, obrigado querida.

Agradeço a minha professora amada Michele, que sempre me incentivou mostrando que sou capaz, me elogiando e criticando quando necessário também em muitos momentos servindo de confidente com paciência me ouvindo e me aconselhando, coisa de uma verdadeira professora humana e sensata,

Agradeço também as rendeiras e familiares que abriram as portas de suas casas para eu entrar e com suas informações me ajudaram a concluir meu trabalho

Agradeço as tias rendeiras por tudo que fizeram por mim e por meus irmãos amo vocês tia Maria e tia Nena.

Aos meus quatro filhos Pâmela, Daiane, Bruna e Anderson Miguel, por sempre me agüentarem e me amarem, motivo maior da minha vida, e aos meus genros Bruno Fraga e Lucas Vaz Franco

A minha amiga e futura comadre Ângela Martins que juntas chegamos ao fim

---

<sup>1</sup> Lembranças das conversas, com Madalena Rocha Brasil e Jaqueline Damázio

do curso, duas mulheres com alma de criança, que superamos todos os obstáculos do curso e da vida te amo minha amiga, e ao Rodrigo amigo querido, sempre a postos.

E agradeço a todos os amigos e coordenadores do curso de História amo a todos.

**“A Aurora tece o algodão  
O algodão tece a fazenda  
Mas a rendeira faz tudo:  
Tece o solo e tece a renda  
Tece amor, tece a tiara  
No coração d’almofada”  
Francisco Carvalho-1967**

## RESUMO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso- TCC aborda a localização e identificação das mulheres que trabalharam com rendas em Criciúma, SC entre os anos de 1950 a 1980. O objetivo do estudo foi reconhecer a manifestação da arte de fazer rendas de bilro em Criciúma nesse período. A metodologia adotada foi a história oral e a aplicação de formulários, previamente elaborados, que consta no anexo desse trabalho. Bem como, revisão de bibliografia pertinente sobre as atividades, carboníferas e a renda de bilro. As categorias, de análise foram: Memória, Identidade e Patrimônio Cultural. Identificaram-se nomes de 14 rendeiras que viveram, permanecendo ou passaram por Criciúma nesse período e pode-se compreender como se efetuava seus trabalhos. Podemos afirmar então: “elas passaram por aqui”.

**Palavras-chave:** Renda de bilro. Rendeiras. Mineração. Criciúma. Patrimônio Imaterial.

## ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1 - BILROS</b> .....	28
<b>FIGURA 2 - ALMOFADAS</b> .....	29
<b>FIGURA 3 - TREPEÇA</b> .....	30
<b>FIGURA 4 - TREPEÇA E CADEIRA</b> .....	30
<b>FIGURA 5 - PIQUES</b> .....	31
<b>FIGURA 6 - RENDAS</b> .....	32

## TABELAS

<b>TABELA 1 - REFERENCIAS PESSOAS.....</b>	<b>34</b>
--	-----------

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CBCA -Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá S.A

CSN - Companhia Siderúrgica Nacional

GTPI - Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PIC - Programa de Iniciação Científico

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 O PERÍODO DA MINERAÇÃO E A MIGRAÇÃO PARA CRICIÚMA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1.1 As Vilas Operárias mineiras e suas Mulheres .....</b>	<b>18</b>
<b>3 RENDAS DE BILROS: PATRIMÔNIO IMATERIAL, IDENTIDADE E MEMÓRIA.</b>	<b>23</b>
<b>3.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE, ALGUMAS REFLEXÕES .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1.1 Sobre o conceito de patrimônio cultural.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1.2 As rendas de bilro como patrimônio cultural .....</b>	<b>27</b>
<b>3.1.3 A arte de tecer .....</b>	<b>33</b>
<b>4 CRICIÚMA E SUAS RENDEIRAS... ..</b>	<b>34</b>
<b>4.1 QUEM ERAM AS RENDEIRAS DE CRICIÚMA? .....</b>	<b>34</b>
<b>4.2 O COMÉRCIO DAS RENDAS DE BILRO .....</b>	<b>38</b>
<b>4.3 HISTÓRIA DE DUAS IRMÃS RENDEIRAS EM CRICIÚMA .....</b>	<b>39</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo que identificou e localizou mulheres ou familiares que trabalhavam na fabricação das rendas de bilro em Criciúma- SC entre os anos de 1950 a 1980, isso é, durante o período da exploração do carvão mineral em Criciúma (SC).

Durante uma disciplina, na terceira fase, do curso de história fiz um trabalho relacionado ao Patrimônio Imaterial da região. Este dizia respeito ao saber fazer renda de bilros, onde localizei duas rendeiras e entrevistei-as. Ao conversarmos compreendi que vieram para Criciúma durante o período da mineração, período esse em que o carvão estava no auge e trazia para cidade muitos migrantes do litoral catarinense em busca de trabalho. Essas mulheres vieram dos municípios de Laguna e Imaruí para a cidade de Criciúma, exercendo função de rendeiras na cidade que, mais que um simples artesanato, era um meio de sobrevivência.

Com esse trabalho surgiu a oportunidade de eu participar de um Grupo de Pesquisas: Patrimônio Cultural: Histórias e Memórias, que durante os anos de 2013 e 2014 desenvolveu uma pesquisa, intitulada: Circulando pela cidade, reconhecendo o patrimônio imaterial de Criciúma. Busquei conhecimentos e informações acerca deste “saber fazer” identificando as rendas de bilro como possível patrimônio imaterial da cidade. Essas experiências de pesquisa me impulsionaram a dar continuidade no Trabalho de Conclusão do Curso TCC.

Minha motivação também é endógena, pois minhas tias são rendeiras, que com muita luta e trabalho, conquistaram seu lugar na sociedade. Negras e netas de escravos, se apresentam como meu maior estímulo na realização dessa pesquisa. Nasci e cresci no meio de rendeiras e nunca ouvi falar da valorização e reconhecimento do trabalho das rendeiras na cidade de Criciúma. Essas mulheres saíram de sua terra natal, vindo para Criciúma tentar uma nova vida, economicamente falando, mas foi da fabricação e venda das rendas de bilros que sobreviveram e criaram seus filhos e filhas. No caso particular de minha família minhas tias rendeiras ajudaram a criar os sobrinhos e sobrinhas.

Diante das primeiras constatações meu problema de pesquisa foi o seguinte:

A arte de saber fazer rendas de bilro esteve presente em Criciúma durante o período auge da mineração? Será que existem rendeiras nessa cidade que ainda exercem esta função? Qual o papel social e econômico presente nesse saber fazer?

Este TCC tem por objetivo geral: Reconhecer manifestação do patrimônio imaterial na arte de saber fazer rendas de bilro, em Criciúma entre os anos de 1950-1980, visibilizando as práticas das rendeiras e seu cotidiano na cidade. Como objetivos específicos: Contextualizar as atividades carboníferas e perceber a migração do litoral, para Criciúma. Conceituar o patrimônio cultural e imaterial, identificando o “saber fazer” das rendas de bilro, como um patrimônio imaterial. Visibilizar as práticas das rendeiras e seu cotidiano na cidade de Criciúma.

Para alcançarmos estes objetivos foi utilizada basicamente a metodologia da história oral de vida associada à coleta de depoimentos registrados em formulário construído para esse fim. Dessa forma, foi construído o *corpus* da pesquisa. No entanto, a revisão bibliográfica acerca dos trabalhos de renda de bilro em Santa Catarina e outras categorias referentes ao objeto de estudo foram imprescindíveis para a compreensão dessa atividade como patrimônio imaterial associado aos fazeres da cultura popular.

As Histórias de vida foram feitas com rendeiras e os depoimentos coletados com vizinhos, vizinhas e familiares das rendeiras. Em um primeiro momento foram entrevistadas duas rendeiras: Maria Brasil Rocha, nascida em 1925 e Custódia Ramos Mello, nascida em 1924. As entrevistas foram transcritas e devolvidas às entrevistadas, de acordo com o que estabelece a metodologia da história oral (MEIHY, 1996). Os formulários aplicados aos familiares e/ou vizinhos contam com os seguintes dados: identificação, grau de parentesco ou vizinhança, nome da rendeira citada, cidade que morava, motivo da vinda para Criciúma, como e com quem comercializava sua arte. Além das discussões em torno do conceito de patrimônio cultural foi necessário o levantamento de vários estudos que abordam a história das atividades carboníferas que incentivou a migração para Criciúma de pessoas que viviam no litoral, sendo que trouxeram junto com a mão de obra, sua cultura.

Para realização desse estudo foram utilizadas algumas categorias para fundamentá-lo. Para as categorias de memória e identidade, os referenciais

principais são: Bosi (1994), Santos (1993) e Nora (1993); para o entendimento dos conceitos de Patrimônio Cultural Imaterial, usarei: Lemos (1987); Godoy e Castells (2008) e Chagas e Abreu (2009). Além desses estudos, a história da renda de bilro em Santa Catarina foi fundamental, para tanto, as referências são: Piazza (1987), Angelo (2005) e Soares (2006). Além das categorias para analisar o objeto de estudo, a compreensão da metodologia utilizada, história oral temática, tem como referência principal os estudos de José Carlos Sebe Bom Meihy (1996)

Para fundamentar a história da mineração, onde a migração das pessoas possibilitou para além das relações econômicas, trocas culturais. Utilizo como referências acerca da mineração autores como: Carola(2002), Costa(1999 e 2000).Goulart Filho(2002) entre outros trabalhos, sobre a mineração

O primeiro capítulo, intitulado: “O período da mineração e a migração para Criciúma” contextualiza a história da mineração na cidade evidenciando a migração de trabalhadores do litoral em busca de empregos nas minas de carvão.

O segundo capítulo, denominado: “Rendas de bilros: patrimônio imaterial, identidade e memória” aborda o conceito de patrimônio cultural e mostra a renda de bilro como um “saber fazer”, associado ao patrimônio imaterial.

O terceiro capítulo intitulado: “Criciúma e suas Rendeiras” aborda o cotidiano das rendeiras na cidade de Criciúma e destaca duas rendeiras negras, netas de escravos que aprenderam a arte de fazer rendas de bilro.

## 2-O PERÍODO DA MINERAÇÃO E A MIGRAÇÃO PARA CRICIÚMA

Salve, salve Criciúma  
Ao Brasil queres servir  
De carvão foi teu berço  
De progresso é teu porvir  
(José Acácio Santana)

Para falar do trabalho das rendeiras na Cidade de Criciúma, primeiramente terei que discorrer um pouco sobre a história da mineração na cidade. Esse capítulo apresenta de forma geral como se deu a efetivação das Atividades Carboníferas em Santa Catarina, evidenciando a migração de pessoas do litoral catarinense em busca de trabalho nas minas de carvão.

### 2.1 CONTEXTUALIZADO O INÍCIO DAS ATIVIDADES CARBONÍFERAS

Conforme pesquisas, no século XIX foi descoberto o carvão em Santa Catarina, mas somente em meados do século XX, que o minério começou a ser explorado industrialmente para as fábricas siderúrgicas. (CAROLA, 2002)

Na primeira fase, isso é no século XIX, o governo imperial enviou muitos pesquisadores para avaliar a qualidade do material colhido das terras catarinenses, podendo então, ter certeza que se tratava de carvão, um minério considerado muito valoroso, e com alto teor de enxofre, substância essa, contida nos minerais, que atestava e qualificava o minério.

A partir da comprovação da qualidade do minério, deu-se a exploração das terras catarinenses que iniciou no município de Minas, atualmente denominada Lauro Müller. Em Criciúma, as primeiras minas foram abertas pelos colonos Italianos no final do século XIX, que transportavam as cargas em carro de boi, uma forma simples e grosseira, até o Pontão, um porto, localizado em Jaguaruna, para dali seguir até o próximo Porto, de Laguna. (CAROLA, 2002)

Como anteriormente citado, a exploração efetiva deu-se o século XX, aproximadamente em 1910, quando abriram algumas minas de carvão pela região, trabalhadores trocavam suas enxadas por capacetes, ou seja, trocavam o trabalho agrícola pelas minas de carvão.

Lauro Müller, Urussanga, Tubarão, Criciúma, Orleans, Siderópolis, e Içara foram municípios catarinenses que aderiram a esse ramo econômico. Muitos

empresários locais e nacionais investiram no empreendimento e, muitos agricultores puderam ter salários fixos, trabalhando na mineração.

Os olhares nacionais focaram-se para o sul do Brasil, onde a extração do carvão iniciava. Empresários cariocas com tino para o negócio e sabendo que era algo lucrativo, instalaram companhias carboníferas no estado catarinense.

Com a instalação das firmas cariocas que tinham como intenção extrair e transportar o carvão sul-catarinense, criou-se um amplo mercado de trabalho que ofertava emprego desde a extração ao transporte ferroviário e marítimo. (GOULARTI FILHO, 2002.504.p.)

Sobre o transporte, é importante lembrar que aproximadamente em 1917, chegou ao sul catarinense o ramal da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, com a abertura do tráfego provisório entre Tubarão e Criciúma. No dia 20/01/1919, passou o primeiro comboio composto de doze vagões de carvão, transportando cada um, cinco toneladas (COSTA, 2000).

Em Criciúma as principais Companhias mineradoras foram: Companhia Carbonífera Araranguá – CBCA (1917); Cia Carbonífera Próspera (1921), que mais tarde, vendeu a maioria das ações para Companhia Siderúrgica Nacional- CSN(1952) e a Cia Metropolitana. Essas mineradoras atuaram até os anos de 1980 e algumas delas permanecem até os anos de 2000. (COSTA, 1999, GOULART FILHO, 2004)

A efetiva exploração do carvão nessa cidade deu-se a partir de 1913. Vale lembrar que anterior a essa data, Criciúma era povoada por imigrantes europeus. A partir das atividades carboníferas muitas pessoas se deslocaram do litoral catarinense principalmente de Laguna, Jaguaruna e Imaruí, em busca de oportunidade de emprego na mineração. Entre as décadas de 1940 e 1950, período de auge para o comércio de carvão na cidade de Criciúma, centenas de pessoas foram atraídas para o município, pois as mineradoras tinham salários fixos dando mais segurança às pessoas que antes viviam da agricultura e da pesca.

Com a abertura de minas por toda a região carbonífera alguns proprietários rurais que tinham suas terras sobre reservas de minério, as vendiam as companhias carboníferas, outros resistiram à venda, por algum tempo, mas acabavam cedendo. Sendo que outros colonos foram trabalhar nas

minas tornaram-se mineradores ou sócios das empresas, a maioria tornou-se mineiro.

Juntamente com a ideia de “progresso”, palavra essa, tão utilizada em alguns discursos acerca deste assunto, a exploração do carvão trouxe para o sul catarinense, e também para Criciúma, algumas transformações nas condições de vida no lugar. Trouxe energia elétrica, transporte, meios de comunicação entre outros. Essas tecnologias, não alcançaram todas as pessoas. Primeiro beneficiou os donos das minas e os capatazes e paulatinamente, seguindo o desenvolvimento do país tornou-se acessível a todos em Criciúma. Criciúma, no ano de 1945, foi consagrada a ‘Capital Brasileira do Carvão’.

Conforme pesquisas, uma diversidade de grupos humanos de várias descendências como, polonesa, italiana, alemã, e outros migrantes do litoral e região serrana, geralmente descendentes de africanos e lusos-brasileiros vieram para Criciúma, para o trabalho nas minas. (CAROLA, 2002). Permite-me imaginar as condições de miséria que vivia essa população, que preferiram se submeter a esse tipo de trabalho que ficar em sua terra natal.

[,,] A construção da estrada de ferro pareceu aos olhos da população como capaz de trazer desenvolvimento para a região sul, com sua técnica de construção e seu maquinismo, demonstrando a supremacia técnica do homem e a superioridade do industrial dos tempos modernos sobre a época antiga. (NASCIMENTO, 2000. 23.p.)

A economia em função da extração carvão, juntamente com a ideologia do progresso, eram estampadas nos jornais da época, como afirma Alcides Goulart Filho, na apresentação do livro Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina. Um jornal da época, “O Albor” de Laguna em uma visita a cidade do carvão em novembro de 1946, referia-se a Criciúma como cidade exemplo de economia e utilizava palavras como: “esplêndida”, uma “Colmeia de trabalho intenso”, falava- em “Trabalhador, ordeiro, acolhedor e amigo”. Um belo chamariz para quem está procurando uma nova oportunidade de vida, em um novo lugar para viver e criar seus filhos. Foi assim que muitas famílias foram atraídas para Criciúma. (GOULART FILHO, 2004).

Além de alguns imigrantes europeus, contratados especialmente para os trabalhos da abertura de minas de carvão, outros vieram do litoral e das

regiões próximas como, Laguna, Tubarão, Imaruí, todos em busca de emprego. Junto com a mão de obra veio também a cultura relacionada às práticas, saberes, fazeres, ritos e outras. Todos tendo que se adaptar a novas formas de vida, culturas, vestes e hábitos, “uma rede de trocas culturais” se estabeleceu (COSTA, 2000.p.84);

As pessoas que vieram de outros lugares para o trabalho nas minas de carvão foram morar nas vilas operárias.

### 2.1.1 As Vilas Operárias mineiras e suas Mulheres

Como citadas anteriormente, muitas famílias vieram para Criciúma, geralmente vinha primeiro um representante da família, para melhor conhecer o lugar, logo após traziam os seus familiares para construir juntos uma nova morada.

Quando as famílias operárias chegavam na cidade, iam morar nas vilas operária mineiras, lugares esses, construídos para as famílias dos trabalhadores mineiros pelas empresas mineradoras. Como a demanda de migrantes era grande, muitos ao chegar não tinham onde morar, alojavam-se duas até três famílias na mesma casa, situação essa difícil, pois muitas vezes os moradores tinham muitos filhos dificultando o convívio. Estavam em terra nova em busca de uma vida melhor financeiramente, tendo que suportar situações muitas vezes constrangedoras, e pior, sem saber se daria certo.

Essa situação acontecia por falta de infra-estrutura da cidade. Criciúma, não estava preparada para um crescimento populacional e habitacional tão rápido, nem mesmo as mineradoras para um número tão grande de familiares de operários. As casas menores, que foram as primeiras, tinham até três cômodos, eram de propriedade das carboníferas, umas alugadas outras cedidas aos operários e familiares, sempre próximas às bocas de minas. (COSTA, 1999)

Com o passar do tempo, as carboníferas construíram mais casas e também melhoravam a estrutura das mesmas, com mais quartos. Ergueram casas de madeira, e alvenaria. A solução encontrada pelas carboníferas. As primeiras tinham apenas três cômodos. As companhias carboníferas

descontavam do salário dos mineiros o aluguel todos os meses, as casas ficavam próximas às bocas de minas

Os migrantes, operários, quando se instalavam nas vilas geralmente contavam com ajuda de parentes, amigos e vizinhos já instalados na cidade, assim encaravam essa nova etapa. Mesmo com toda dificuldade formavam círculos de amizades e de solidariedade.

Nas vilas, praticamente tudo era propriedade das carboníferas, casas, açougue, farmácia, armazém, tudo que precisassem estava ali próximo deles, sem necessitarem, sair das vilas. Essa forma de organização, utilizada pelos mineradores garantia observar, controlar e exercer poder na vida dos operários dentro e fora do ambiente de trabalho, formando um laço de dependência entre o operário e o patrão. (CAROLA, 2002.)

O lazer dos operários era feito de modo também preparado pelos patrões como anteriormente falado, os operários tinham tudo dentro das vilas onde habitavam, desde alimentação, até o lazer. Havia clubes de dança, que eram divididos em etnias. Os negros não poderiam frequentar os clubes dos brancos, nem os brancos os dos negros. (COSTA, 1999). Havia campo de futebol para uso dos funcionários em seu período de folga e alguns chegaram a se tornar times profissionais. As carboníferas formaram times de futebol, disputavam campeonatos entre si em toda região carbonífera.

Segundo Roseli Terezinha Bernardo, podemos destacar três vilas operárias mineiras no município de Criciúma:

(...) pertencente à carbonífera Próspera S.A, atualmente Bairro Próspera; a construída pela Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá-CBCA, chamada a época Vila Operária, mais tarde as pessoas atribuíram-lhe o nome de Vila Operária Velha, que atualmente se constitui o bairro Santa Barbara e a Vila Metropol, pertencente à carbonífera metropolitana. (BERNARDO, 2004.p.130)

Nos dias de hoje, temos lugares nas cidades que ainda nos retratam um pouco, como eram as vilas operárias mineras na época. No bairro Próspera, o escritório da carbonífera, a chaminé, o clube dos negros e a ordenação das casas da vila, que foram reformadas,mas mantém o alinhamento da antiga vila.

No bairro Santa Bárbara, por exemplo, conseguimos ainda nos dias atuais, perceber o que autores falam a respeito da mesma. Ao chegar, notamos

na parte de cima, uma igreja, um campo de futebol de areia, o clube da Sociedade Recreativa União Operária, pertencente aos negros. Na parte de baixo, vemos, o Clube Recreativo União Mineira, frequentado pelos operários “brancos”. Isso é, o lazer era dividindo de acordo com a étnica. Essas relações também foram observadas em times de futebol, ou nas brincadeiras que envolvem tal esporte.

Nas casas das vilas, os conflitos eram frequentes, trazendo alguns constrangimentos, aos moradores que não gostavam de ver suas vidas expostas por terceiros. Como afirma Marli Costa em sua dissertação. “As casas eram muito próximas umas das outras, pois sua arquitetura proporcionava um grande controle das vidas das famílias, e era muito difícil guardar segredo”. (COSTA, 1999.p.55)

Quando os migrantes vinham para Criciúma, traziam consigo suas esposas, mulheres que acima de tudo, suportaram situações de humilhações e de extrema pobreza, como um modo de proteção, mantinham-se casadas, para não passarem por mulheres separadas, pois naquela época as mulheres solteiras, que não eram mais virgens e as separadas eram excluídas da sociedade. Com relação as moças que perdiam a virgindade antes do casamento, “não poderiam sair mais de casa, nem conversar com moças virgens”. (COSTA, 1999.p.55)

Posso inferir que boa parte das mulheres dos operários das minas de carvão agiam e pensavam de forma submissa, cuidando dos lares, isso é, as verdadeiras “rainhas dos lares”. Eram educadas para servir ao marido e filhos, fazendo a vontade dos esposos sem mesmo questioná-los. Pois, o respeito ao marido e tradição nessa sociedade.

As mulheres desta época, quando crianças eram ensinadas pelas suas mães a arrumar a casa, lavar a roupa, manter tudo limpo, porque se não soubessem as tarefas do lar não iriam casar, ou melhor, ninguém iria querê-las como esposas.

O tão falado sexo frágil, que de frágil não tem nada, era nas vilas o grande exemplo de luta, de coragem, elas lutavam por suas famílias, dividiam-se entre o trabalho do lar e diversas práticas para garantir a sobrevivência de sua família. Eram elas que providenciavam a carne, o alimento, a água, as roupas limpas, a lenha para fazer o fogo. Cabiam à algumas mulheres a

responsabilidade de buscar a carne nos açougues, comidas os armazéns, acordavam de madrugada para pegar número nas filas dos açougues. Como não tinha geladeira nas casas da vila, as mulheres tinham que ir até o açougue todos os dias, algumas compravam carne em maior quantidade e salgavam para evitar as filas diárias cansativas e humilhantes das madrugadas. Com o tempo fora adaptado algumas manobras para facilitar suas idas ao açougue, colocando objetos para marcar suas vagas nas filas entre outras. (CAROLA, 2002), auxiliando seus maridos, no sustento dos lares, e muitas vezes garantindo esse sustento

Como já foi falado, tudo dentro das vilas era de propriedade das carboníferas. As casas eram construídas próximas das bocas das minas, e os donos das carboníferas viviam da exploração das minas, que causavam poluição do solo, rios, açudes e no ar. Nesta época não havia água encanada, as mulheres lavavam suas roupas nos rios e açudes, juntamente com seus filhos buscavam água em baldes para o uso doméstico para cozinhar, beber, e tomar banho. A água, aparentemente parecia potável, mas era poluída pelos rejeitos piritosos jogados nos rios e suas encostas.

A medida que a exploração do carvão ia aumentando, aumentava também a poluição dos solos, rios e açudes. Com isso, alguns locais de lavagem, também espaços de sociabilidades das mulheres, ficaram contaminados pelos rejeitos piritosos do carvão. (CAROLA, 2002.p.119)

Algumas mulheres exerciam a profissão de lavadeiras “lavavam roupa para fora” expressão essa, muito usada pelas pessoas da época. Lavavam nas fontes, vida cansativa que as mulheres exerciam, nas vilas, outras trabalhavam de escolhedeiras ou catadoras de carvão, trabalho este, executado somente pelas mulheres.

Também tinham a responsabilidades de pagar as contas nos armazéns e açougues quando seus maridos recebiam os salários das carboníferas, muitas vezes não conseguiam sanar a dívida, por eles já terem gasto seus pagamentos em jogatinas, bares e prostíbulos. Não bastava tanto sofrimento ainda tinha que aguentar as traições de seus maridos, que muitas vezes saiam na sexta feira de suas casas só retornando na segunda de volta para o trabalho das minas

A Maracangalha, zona de prostituição da cidade, era um lugar frequentado por mineiros de toda cidade de Criciúma. Boa parte do salário do mineiro era gasto com as mulheres que trabalhavam na Maracangalha. (COSTA, 2000.p.90)

Como já falei algumas trabalhavam de lavadeiras, outras arrumadeiras, outras escolheiras de carvão, e outras exerciam o saber fazer cultural, aqueles que foram passados de pais para filho, como as rendas de bilro.

### **3-RENDAS DE BILROS: PATRIMÔNIO IMATERIAL, IDENTIDADE E MEMÓRIA**

No capítulo anterior mostrei que, vieram para cidade de Criciúma migrantes do litoral catarinense em busca de emprego, trazendo em suas bagagens heranças culturais, aquelas passadas através das gerações. Heranças que identificam um povo, uma sociedade, um lugar. A memória, a história de diferentes grupos sociais, que formam o patrimônio cultural.

Esse capítulo busca abordar os conceitos de patrimônio cultural e apresentar as rendas de bilro como patrimônio imaterial, passando pelas categorias de identidade e memória.

#### **3.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE, ALGUMAS REFLEXÕES**

A constituição de uma sociedade, de um povo ou comunidade firma-se em valores, comportamentos, forma de viver e características culturais que os identificam e distinguem uma cultura da outra, aproximando algumas pelas semelhanças entre si, as chamadas identidades culturais.

Quanto a identidade pessoal, cada pessoa tem uma, no entanto, toda identidade individual está associada a identidade social, ou coletiva. Segundo Jézus Marcos Ataidés:

[...] identidade social coletiva, é aquilo que caracteriza uma comunidade, um grupo de pessoas, uma sociedade de determinado tempo e espaço. São as marcas as características de um povo. Por exemplo, o Brasil construiu e constrói sua identidade cultural a partir das suas diferentes religiões, classes sociais, etnias e regiões geográficas. (ATAÍDES, 1997.p.14)

Manter os costumes e tradições é uma forma de “salvar” a identidade de um grupo social, que por meio da memória preservada, armazena as informações, os conhecimentos, as experiências tanto coletivas ou individuais. A memória é um elemento essencial para identidade, pois por meio dela refazemos experiências. O ser humano utiliza vários sentidos para transmiti-las as gerações futuras, os chamados de suportes da memórias podem ser música, imagens, textos, odores, etc.

Por exemplo: quando vemos uma foto, nossa memória nos remete a experiências passadas de nossas vidas, muitas vezes, as fotos são de um lugar que o “progresso”, fez com que não existisse mais. Porém, ainda se mantêm na memória de quem os viveu, podendo assim, contar às gerações futuras, as experiências desse lugar. (BOSI, 2001)

Outra situação é quando sentimos algum perfume, nossa memória nos faz lembrar o bolo da vovó ou perfume da mãe. Com isso, podemos passar aos nossos filhos, sobrinhos, alguns momentos que vivemos que, com auxílio de nossas memórias podemos acessar, por alguns momentos.

Temos dois tipos de Memórias, memória coletiva que são aqueles acontecimentos, aspectos julgados relevantes, guardadas como memória oficial para uma sociedade ou para um grupo de pessoas. A falta da memória coletiva nos povos e nas nações provoca perturbações graves na identidade coletiva. (ATAÍDES, 1998.p.16) Memória individual, é aquela guardada por cada indivíduo, referentes às próprias experiências vividas no coletivo.

Há tempos atrás, em algumas sociedades, os mais velhos, eram chamados “guardiões da memória”, por terem mais experiências de vida, cabendo a eles a responsabilidade de passar a nova geração de seu grupo social, as vivências guardadas em sua memória: “restando-lhe uma função própria de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”. (BOSI, 2001.p.63).

Foram criados, alguns “lugares de memória”, que agem de forma profissional, uma tarefa social de guardar a memória que antigamente era exercida pelos idosos, que são: os museus, arquivos, biblioteca e centro de memórias, com critérios previamente estabelecidos de coletar, tratar, recuperar, organizar e colocar à disposição da sociedade, de uma região específica de um grupo social. (VON SIMSON. 2003).

A memória então “procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. (ATAÍDES, 1998). Os “lugares de memórias” materializam o patrimônio cultural de um povo.

### 3.1.1. Sobre o conceito de patrimônio cultural

O conceito de patrimônio cultural diz respeito a todas as relações que apresentam um significado especial, afetivo, político ou social para um lugar. Segundo Carlos Lemos, podemos dividi-los em três grandes categorias de elementos: patrimônio ambiental, que arrola os elementos pertencentes a natureza como: rios, as águas desse rio, seus peixes, cachoeiras, corredeiras etc. Os elementos que se referem aos conhecimentos, as técnicas, ao saber e ao saber fazer, que são os elementos não tangíveis do patrimônio cultural. E os elementos que reúnem os chamados bens culturais que englobam os objetos, artefatos e construções, os chamados tangíveis, construídos pelos humanos.

Na década de 1930 iniciaram as políticas para proteção do patrimônio cultural no Brasil. No primeiro momento se concentrou no patrimônio cultural de natureza material, sendo constituídos por bens como vestígios arqueológicos, documentos, livros, monumentos e construções urbanas, com finalidade de conhecer, proteger e promover o patrimônio cultural nacional. (CASTELLS. 2008).

Em 1937 criou-se o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que atualmente chamado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. A carta Constitucional DE 1988 aborda em seu artigo 261 que:

Art. 261- Constituem patrimônio cultural brasileiro bem de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (Decreto-Lei nº 53, de 19-12-2006)

Divide-se atualmente o Patrimônio cultural em dois grupos distintos: a) Bens materiais ou tangíveis, que agrega os em bens móveis como objetos ligados a cultura local, objetos de arte, mobiliário ligados à cultura e bens imóveis como os arquitetônicos, as construções ligadas a identidade cultural, documental, urbanísticos, praças, monumentos, etc. b) Bens imateriais ou intangíveis, que tratam, dos: saberes, o saber fazer. Por exemplo: pescar, dançar, das práticas de celebrações e das formas de expressões (LEMOS. 1987). Dentro dessas categorias o conceito de patrimônio cultural imaterial abarca também as categorias artes e cultura popular.

Os bens imateriais são expressões da identidade cultural e social das comunidades que os praticam e transmitem sua existência só permanecem se houver pessoas que se identifiquem com eles, os conheçam, os pratiquem e os ensinem, se transformando ao longo dos anos, como as próprias pessoas (ATAÍDES, 1997)

Para proteção e garantia da existência e permanência desse bem utiliza-se de instrumentos de identificação e salvaguarda. O Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial- GTPI, órgão responsável pela organização das diretrizes adotadas pelo IPHAN adotou a partir do decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, o Registro de Bens Culturais de natureza imaterial, como mecanismo de preservação, guarda e memória desses bens.

Registro é a inscrição do bem cultural em um livro de acordo com sua categoria, atualmente o patrimônio imaterial foi dividido em quatro categorias principais, São eles: Livro dos Saberes; Livro das Celebrações; que inclui as festividades e rituais públicos associados ao calendário religioso ou a outros aspectos da vida social; Livro das Expressões que é a prática de modalidade não- linguística de comunicação e expressão e o Livro de Lugares, espaço apropriado por cerimônias e outras práticas coletivas. (CASTELLS, 2008).

Assim, se reconhece os “saberes” como pertencente ao patrimônio imaterial, que são técnicas, práticas culturais que envolvem a culinária, o artesanato, a música, as fábricas rudimentares, a dança, as artes de forma geral. (LEMOS, 1987).

A renda de bilro, é uma arte pertencente aos saberes, faz parte do patrimônio imaterial, uma arte muito conhecida no Brasil. Veio com a imigração açoriana e se estabeleceu no litoral brasileiro.

Em Santa Catarina, a imigração açoriana deu-se a partir de 1748, vendo que uma das regiões em que se instalaram foi desterro, atualmente Florianópolis e Laguna.

As áreas localizadas nas zonas litorâneas reverberam dos açorianos totais influencias em sua formação étnica, influencia essa que permaneçam até a época atual e cujas manifestações de cultura popular são vivamente marcadas pelos costumes relativos à religiosidade, às atividades de pesca e agricultura e aos vários tipos de artesanato, sobressaindo-se, ainda nos dias de hoje, as rendas de bilros. (SOARES, 2006.p.17)

As áreas litorâneas catarinenses onde os açorianos se alojaram, apresentam as influências na sua formação étnica. No aspecto econômico, destacam-se suas experiências com a agricultura, na construção de engenhos cerâmicos e as rendas de bilros.

### 3.1.2. As rendas de bilro como patrimônio cultural

A Renda de Bilro é reconhecida como uma arte feminina. Chegou ao Brasil aproximadamente no começo do século XVI, espalhando-se por todo litoral brasileiro.

Em Florianópolis, capital catarinense, se concentra um grande número de rendeiras, há um ditado que diz: “Onde há pesca há renda”, porque enquanto o marido tece as redes de pesca um pouco distante deles, as mulheres, com seu manuseio e rapidez nas mãos produzem maravilhosas obras de arte. (SOARES, 2006.p.129).

Soares coloca que em Florianópolis, geralmente as rendeiras moravam próximas ao mar, sendo um trabalho cansativo, a brisa e o mar refrescavam e embelezavam o dia, que passava mais rápido e tornava o trabalho mais agradável e menos desgastante. As rendeiras dividiam-se entre os trabalhos domésticos e as rendas, geralmente se juntavam com outras rendeiras e trabalhavam, fazendo círculo de mulheres, aos sons de bilros e de cantorias, alegrando as artesãs enquanto produziam suas obras, geralmente acompanhadas de seus filhos.

Geralmente as rendeiras iniciavam seu aprendizado na infância, com o ensinamento de suas mães ou tias e muitas vezes por vizinhas conhecedoras da arte, aprendiam aos seis e sete anos. Para elas aprenderem a render, a renda fazia parte de suas brincadeiras, algumas aos quatro anos de idade já manejavam os bilros, com toda a familiaridade. Como um manejo de apenas dois bilros e uma caixa de sapato, ou tora de bananeiras servia de apoio. Algumas aprendiam assim, outras somente olhando as rendeiras. (Entrevista com Maria Rocha Brasil).

Muitas famílias, em Florianópolis e no Brasil dependem economicamente da produção diária da confecção das mais variadas rendas de bilros ou rendas

de almofadas, com é chamada em alguns lugares como, no interior de Ilhéus. (SOARES, 2006).

Para a confecção da renda de bilro, são necessários alguns instrumentos de trabalho usados pelas rendeiras: os bilros, a almofada, a trepeça, o pique, as linhas e alfinetes

### **O que são os Bilros?**

São bobinas de madeira, feita por artesãos, geralmente tem o mesmo comprimento, mas variam na espessura. Para sua confecção são usados pequenos toros de madeira, ainda verde com dois ou 2,5 de diâmetro por 15 cm de comprimento aproximadamente. As madeiras utilizadas para a fabricação dos bilros são: rabo- de- macaco, que oferece ao bilro uma cor amarelada; guamirim, que oferece a cor marrom; fruto-de-pombo, que faz com que o bilro tenha tonalidade quase preta; cumbatá e ou conguatá que é considerada a madeira mais qualificada por algumas rendeiras para a fabricação dos bilros, os modelos dos bilros ficam a critério dos desejos das rendeiras, (SOARES, 2006). Pois algumas rendeiras gostam de bilros mais leves outras de bilros mais finos. Para a fabricação das rendas é utilizado de 15 a 35 bilros, dependendo o tipo de bilros e tamanho das rendas. Para obter beleza admirável das rendas de bilros, depende da habilidade e destreza da rendeira com o manuseio dos bilros, conta-se também com o gosto da mesma, conforme as rendeiras usam os bilros, eles ficam brilhosos, como se de certa forma, tivessem sido encerados. (SOARES, 2006)

**Figura 1** - Bilros



Bilros pertencente as rendeiras, Maria Rocha Brasil (1925) e Madalena Rocha Brasil (1909-1999). Fonte: acervo da pesquisa, circulando pela cidade: Reconhecendo o saber fazer das artesãs da renda de bilro em Criciúma (1950-1980). Realizado em 2015

### O que é a Almofada?

Soares (2006) ao falar das rendeiras de Florianópolis coloca que as almofadas têm formato de cilindro, são feitas de tecidos, e estofado com “barba de velho”, palha de bananeira, marcela do campo ou capim do campo. Apresentam formatos, pequenos, médios ou grandes. As almofadas são apoiadas a trepeça. As rendeiras em Florianópolis, dizem que ainda para identificar o tamanho da renda, usam almofadas de um metro de comprimento e 30 cm de diâmetro, assim facilita na hora da medição.

As rendeiras entrevistadas nesse estudo, falaram que a almofada era feita, de “barba de velho”, bem socada, fazia uma capa, para encapa- lá

**Figura 2-** Almofadas



Almofada pertencente a Maria Rocha Brasil (1925) e Madalena Rocha Brasil (1909 a 1999). Fonte: acervo da pesquisa. Circulando pela cidade: Reconhecendo o saber fazer das artesãs da renda de bilro em Criciúma (1950-1980). Realizado em 2015

### O que é a Trepeça?

É uma estrutura de madeira que apoia a almofada. Em muitos lugares catarinenses as rendeiras quando contratavam com os artesãos os bilros , junto contratavam as trepeças com o mesmo artesão. Em Florianópolis há trepeça que parecem caixas de madeira e as rendeiras trabalham agachadas. As rendeiras desse estudo, trabalham sentadas em cadeiras, pois possuíam trepeças com pés, como a imagem.

**Figura 3** - Trepeça



Trepeça pertencente a rendeira Florentina de Oliveira Costa. (1936-2001). Fonte: acervo da pesquisa, *Circulando pela cidade: Reconhecendo o saber fazer das artesãs da renda de bilro em Criciúma (1950-1980)*.

**Figura 4**- Trepeça e Cadeira



Trepeça, cadeira e almofada, contendo bilros, pertencentes a Maria Rocha Brasil e Madalena Rocha Brasil (1909-1999). Fonte: acervo da pesquisa, *Circulando pela cidade: Reconhecendo o saber fazer das artesãs da renda de bilro em Criciúma (1950-1980)*.

## O que são os Piques?

Conhecido muitas vezes como, moldes, são papeis perfurados, contendo neles o desenho da renda com todos os detalhes, que contém a peça a ser confeccionada pela rendeira.

Os piques são fixados e envolvem as almofadas sem ser preciso mudá-los ou despregá-los, conforme a renda vai sendo feita. A rendeira vai virando na almofada, até completar a renda. No caso da peça grande, a renda vai sendo despregado do pique, e envolta numa toalha ou pano, para sua proteção, mantendo-se assim sua tonalidade e beleza. (SOARES, 2006).

**Figura 5-** Piques



Piques, pertencentes a rendeira Florentina de oliveira Costa (1936- 2001). Fontes: acervo da pesquisa, *Circulando pela cidade: Reconhecendo o saber fazer das artesãs da renda de bilro em Criciúma (1950-1980)*. Realizado em 2015

## Quais são as linhas utilizadas?

A linha Cléa, mercê crochet são as principais utilizadas pelas rendeiras entrevistadas. Além das linhas os Alfinetes são utilizados para prender as linhas ao pique. A linha é enrolada nos bilros e passam um a um pelas mãos da rendeira da forma a peça. Conforme entrevistas com uma rendeira de Laguna, D. Custódia Melo afirmou que a maioria das vezes as linhas eram fornecidas por pessoas que contratavam os serviços das mesmas. Sendo pagas apenas pela mão de obra, das rendas, isso fazia com que o comercio fosse rápido e garantido, pois as mesmas já teriam venda garantida.

Além dos instrumentos o “saber fazer” rendas de bilros foi sendo aprimorado na invenção dos modelos impressos nos piques e visíveis nas peças das rendas, pelas próprias rendeiras.

Além dos instrumentos as rendeiras seguem os modelos desenhados nos “piques” que modelos são esses?

**Figura 6-** Rendas



Trilho branco em modelo Margaridas. Renda tecida por Florentina de Oliveira Costa (1936-2001) e emendada por Maria de Oliveira Alves (1931-2014). Fontes: acervo da pesquisa, *Circulando pela cidade: Reconhecendo o saber fazer das artesãs da renda de bilro em Criciúma (1950-1980)*. Realizado em 2015

Conforme o desenho cada renda tem um nome, Soares (2006) ao reportar aos modelos de Florianópolis cita:

Renda sapa, Peixinho, Beijo de arco, Corrupio, Flor de Café, Boca de Sino, Roda de Leque, Oval de Concha, Cocada, Rodinha de Arco, Margarida de Coração, Boca de Sino, Miudeira, Favo de Abelha, Bicuda, Maria Morena, Oval de Sino, Roda de Arco, Roda de Leque, Roda Estrelada, Sapatinho, Jardineira, Abacaxi, Sobrancelha de Menina, Porta de Igreja, Tramóia, Barriga de Cobra, Pingo de Chuva, Orelha de Mula, Renda de Vinte, Penca de Rosa, Relevo Ceará, Pé de Galinha, Forro de Casa, Coqueiro, Palmas, Pontilhas de Arco, Viola, Palmas, Pegamentos de Coração, Esterlinas, Estrelas, Olho de Boi, Conchas, além das Estrelas de Cinco, sete e nove pontas. (SOARES, 2006)

As rendeiras dessa pesquisa falam dos seguintes modelos de pontos: Sapinho, Trancinha, Biroró, Margaridas, Meio ponto, Miudeira, Folha, Mamica de Porca, Tramóia. Portanto, há pequenas diferenças entre os modelos de Florianópolis e das rendeiras de Imaruí e Laguna.

Quanto ao tipo de ponto, que representa a forma de trançar os bilros para obter uma amarração. As rendeiras de Florianópolis citam o ponto inteiro, ponto corrido, ponto passado, torcido, ponto de trança, ponto perna cheia, pastilha, ponto puxado (ou perna esquecida), ponto pregado, ponto repuxo, ponto paninho. (SOARES, 2006). As rendeiras dessa pesquisa citam de outros: meio ponto, a trancinha e a folha como os principais.

Munidas dos instrumentos, escolhidos os modelos e decididos pontos eis as produções possíveis:

As rendeiras entrevistadas citaram a toalha oval, o trilho, toalhas redondas, toalha de banquete, colchas, toalhinha para criado mudo, barras para trilhos e toalhas de mesa. Em Florianópolis era feito, Golas, Peitilhos para vestidos, Barra para lençol, Barra para toalha.

Conforme entrevistas, algumas peças muito grandes, como a toalha de banquete, por exemplo, uma rendeira sozinha levaria até três meses, para fabricar, por ser um trabalho muito delicado.

Soares (2006) coloca que hoje em dia as rendeiras de Florianópolis, não aceitam encomendas muito grandes e peças primorosas como: toalha de banquete, peixinho e boca de sino, as rendeiras não aceitam por achar que não compensa, por serem muito trabalhosas e exigem tempo e maior perfeição, mesmo que o preço seja mais alto elas não aceitam fazê-las.

### 3.1.3 A arte de tecer

As rendeiras da pesquisa disseram que o trabalho consiste em passar os bilros realizando nós e formando trançados que obtém forma de trancinhas e folhas, seguindo com alfinetes as linhas amarradas e trançadas recebem a forma que as mesmas desejam. Em Florianópolis Soares coloca que:

A rendeira, no movimento natural dos bilros entre os dedos, torce a linha dos pares para executar os pontos. É um movimento muito rápido, imperceptível para quem se dispõe a assistir a feitura de uma renda qualquer, muito difícil denotar. [...], sendo engomada após a sua conclusão. (SOARES, 2006. P.133)

A renda de bilros é patrimônio cultural imaterial, por ser uma arte, pertencente aos saberes, que são aqueles passados de geração a geração, por conhecer da arte. No capítulo seguinte, conheceremos algumas artesãs que vieram para Criciúma, exercer esse ofício na cidade, e descrever a arte da renda de bilro, que está presente no litoral Catarinense desde 1748 com a vinda dos açorianos, inferir que essa arte pode ser consagrada como Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina e que em Criciúma as rendeiras e sua arte estiveram presentes de 1930 até os dias atuais.

## 4 - CRICIÚMA E SUAS RENDEIRAS...

Entre as décadas de 1940 a 1950, Criciúma viveu o auge da produção do carvão, recebendo muitos migrantes vindos de muitos lugares do litoral catarinense, como já foi exposto no primeiro capítulo. Dentre as cidades e localidades litorâneas destacam-se: Laguna, Imaruí, Pescaria Brava, Tubarão, Jaguaruna. Juntos com os trabalhadores vieram algumas mulheres que acompanhavam seus esposos, filhos ou outro familiar. Algumas dessas mulheres traziam em suas bagagens, uma arte popular, pertencente ao “saber fazer” a “Renda de Bilros”. Esse capítulo busca mostrar os nomes de algumas dessas mulheres, bem como dar ênfase a história de uma delas, pela relação intrínseca com a pesquisadora.

### 4.1 QUEM ERAM AS RENDEIRAS DE CRICIÚMA?

A pesquisa realizada em 2014 encontrou parentes, vizinhos e clientes das rendeiras. Por meio de seus depoimentos podem-se identificar algumas das rendeiras. Seus nomes, procedência e datas de nascimento e morte.

**Tabela 1**–Rendeiras

Nome da rendeira	DataNasc/ Morte	Ano que veio p/criciúma	Cidade de onde veio
Maria Alexandrino (D. Bica)	1905-1996	1958	Imaruí
Paulina do Carmo de Oliveira	1928-2002	1959dec 1970	Imaruí
Corina Alexandrino	Dec. 1890- ?	Década de 1930	Imaruí
Maria Conceição Alexandrino	1930-2010	Década de 1930	Imaruí
Alba Alexandrino	1925-	Década de 1930	Imaruí
Águida Alexandrino	1910-1996	Década de 1930	Imaruí
Maria de Oliveira Alves	1931-2014	Em torno de 1956 Retornou em 1972	Imaruí
Dilma de Souza	1924 a 1993	1964	Imaruí
Florentina de Oliveira Costa	1934-2001	1963- 1966 1972-2001	Imaruí
Madalena Rocha Brasil	1909 a 1999	1957	Imaruí
Maria Rocha Brasil	1925	1955	Imaruí
Custódia Melo	1923	Década de 1960	Laguna
Maria Cardoso	1909 Dec de 70	1964	Imaruí

Fonte: Acervo da pesquisa, Circulando pela cidade: Reconhecendo o saber fazer das artesãs da renda de bilro em Criciúma (1950-1980). Realizado em 2015.

Por meio da tabela acima, constata-se a data da vinda de cada uma, das rendeiras à cidade de Criciúma, e de onde migraram. Nota-se que somente

uma, entre estas rendeiras veio de Laguna. As demais vieram de Imaruí. Município localizado na microrregião geográfica de Laguna e distante de Florianópolis 93km. O território foi ocupado por lagunenses, aquelas pessoas que habitavam na cidade de Laguna e aos colonos açorianos na segunda metade do século XVIII. A economia desse município atravessou o século XX baseada no modelo de produção familiar. Juaci do Amaral (2002), coloca que a ocupação do território de Imaruí se deu a partir da chegada dos casais açorianos na Freguesia de Vila Nova de Santa Ana<sup>2</sup>, em 1755 e de lagunenses. Os registros oficiais afirmam que o município foi criado como Freguesia, pertencente à Laguna em 1833 e emancipado em 1890. (IBGE: 1959)

Assim, a maioria das mulheres localizadas por essa pesquisa, procediam, nasceram e passaram suas infâncias em Imaruí. Localizamos e entrevistamos familiares de 14 rendeiras, 12 delas falecidas e duas rendeiras vivas. Das rendeiras que estão vivas uma nasceu e passou sua infância na cidade de Imaruí, e outra em Laguna. A que nasceu em Laguna, não trabalhou com rendas em Criciúma, mas ainda preserva a arte de saber tecer.

De acordo com a pesquisa, as primeiras rendeiras a virem para Criciúma foram as irmãs Corina e Águida Alexandrino, sendo que as filhas de Corina também trabalharam com rendas de bilro, Alba e Maria Conceição. Essas mulheres vieram na década de 1930, também em função da mineração. Tal família dedicou-se ao ramo hoteleiro e comércio para atender a demanda em função das atividades Carboníferas. (Formulário 1)

Como já falado, algumas vinham com familiares, mas tivemos também casos de mulheres que chegaram sozinhas, Maria Rocha Brasil, quando chegou foi morar com sua irmã, Maria Terezinha Brasil de Oliveira nascida em 18 de janeiro 1930 e falecida em março de 1974. Terezinha era casada com um mineiro. Após sentir que poderia conseguir trabalho para as outras irmãs, Maria depois de três anos, retorna para buscar suas irmãs solteiras, que após sua saída da terra Natal, foram morar em Laguna para, conclusão dos estudos.

Maria Cardoso e sua filha Dilma de Souza vieram juntas. Em entrevista com a filha de Dilma, chamada de Maria Cechet, contou-me, que sua mãe era

---

<sup>2</sup> Atualmente a localidade denominada Vila Nova, pertencente a Imbituba.

esposa de um mineiro, vindo para Criciúma 1964, moraram no bairro 25, hoje chamado Bairro São Cristóvão onde sua irmã, também chamada Dilma reside ainda nos dias de hoje. Sua avó Maria Cardoso conhecida por “Picurrucha” era viúva, vindo exercer a função de rendeira e bordadeira na cidade de Criciúma, ambas vieram de Imarui trabalharam com rendas até falecerem na cidade de Criciúma<sup>3</sup>.

Os formulários indicam também que algumas rendeiras vieram para Criciúma e depois retornaram para a cidade Natal. O caso das irmãs Maria de Oliveira Alves que veio em fins dos anos de 1950 e retornou em 1972 e Florentina de Oliveira Costa, que veio em 1963 retornando à cidade natal e após três anos, voltou para Criciúma onde manteve-se confeccionando e comercializando rendas e até sua morte.

Tal constatação mostra que algumas rendeiras iam e vinham mantendo uma teia entre as rendeiras de Criciúma e Imaruí. Inclusive algumas rendeiras de Imaruí ajudavam as de Criciúma na confecção de peças grande de rendas. As de Criciúma pegavam encomendas e dividiam com as de Imaruí, pagando pelo trabalho de tecerem partes dessas rendas, como os quadros e as barras para as famosas colchas ou toalhas de banquetes (Lembranças de Maria Brasil, 2015) <sup>4</sup>

Todas essas mulheres tinham duplas ou triplas jornadas de trabalho, pois além de cuidarem da casa e dos filhos/as teciam rendas, algumas faziam doces para festas<sup>5</sup>, costuravam, bordavam<sup>6</sup>, e vendiam roupas mesmo não tendo total consciência da importância desse ato, pois trabalhavam por necessidade e acabando por habito para algumas rendeiras.

De acordo com as fichas dos formulários as rendeiras de Imaruí aprendiam a arte entre os seis e sete anos de idade, com mães, avós, tias e vizinhas.

Somente duas das entrevistadas aprenderam a arte aos doze e aos treze anos de idade, que foram Custódia e Maria Rocha respectivamente, que nos relataram em entrevistas. A rendeira Custódia nos conta:

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Maria Cechet, por telefone, no dia 04 de outubro de 2015.

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Maria Rocha Brasil, nascida 1925, na cidade de Imaruí, 2015 em sua residência em Criciúma

<sup>5</sup> Madalena Rocha Brasil além de rendas fazia doces e bolos para festa.

<sup>6</sup> Maria Cardoso além das rendas, exercia também a função de bordadeira, e sua filha Dilma vendia roupas, resultados fornecidos na entrevista com Maria Cechet

Minha mãe era rendeira, minhas irmãs também, e a mãe, ensinava nós. Já pequena, ela ia fazer renda e botava dois, três, quatro bilros e mandava nós fazer né. Ensinava. Então eu aprendi com seis anos, acho que nem tinha isso, mais ou menos, aprendi a fazer renda. E a renda é assim, a gente pode saber fazer, entrelaçados bilros tudo, mais se não souber na cabeça da gente depois, não adianta nada, porque a cabeça da gente é que manda depois a gente fazer né. (Lembranças de Custódia Melo)<sup>7</sup>

Custódia afirma, não gostar muito de fazer rendas quando criança, pois só fazia porque vendia e com o dinheiro comprava roupas para se vestir, e ajudar nas despesas da casa. Somente vindo fazer com gosto quando casada. Então, passou a auxiliar seu marido, nas despesas de casa. Inclusive anos mais tarde, deu aulas de renda para um grupo de senhoras no Centro Comunitário do Bairro onde morava em Jaguaruna.

Maria Rocha disse que gostava mais de costurar do que rendar, e que aos quatorze anos pode comprar seu vestido de Primeira Eucaristia com o dinheiro das vendas das rendas.

Pela fala de Custódia parece que as experiências entre as rendeiras das duas cidades eram diferentes. Custódia nos falou que sofreu muita, discriminação por ser rendeira, por não ser valorizada e muitas vezes foi humilhada, na sua mocidade, na localidade da Barra, município de Laguna.

[...] achavam que rendeira não era nada né, achavam que era um serviço baixo, mais depois se davam um valor danado, porque, por aí por fora..., como no Rio de Janeiro que ela levava para vender, levava para Porto alegre. (Lembranças de Custódia Melo, 2015)

As entrevistas e os formulários mostram que essa arte era comercializada em outros estados, Madalena Brasil, por exemplo, encaminhava suas rendas para o Rio de Janeiro, Porto Alegre e algumas praias do Rio Grande do Sul.

As relações de parentesco e amizade entre as rendeiras nascidas em Imaruí continuaram em Criciúma. Esse fato propiciou a elas uma espécie de rede de economia. Uma vendia a renda da outra, e se ajudavam nas peças maiores, dividindo o trabalho e o valor das mesmas. Entre Madalena Rocha Brasil e Águida Alexandrino havia troca de rendas, sem envolver valores, somente produtos, como afirma Maria Rocha Brasil.

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada com Custódia Ramos Melo nascida em 1923 na cidade de Laguna SC, 2015 em Criciúma.

Além de dominar a técnica do “saber fazer” rendas de bilro era preciso saber comercializá-las.

#### 4.2 O COMÉRCIO DAS RENDAS DE BILRO

Percebe-se pelos depoimentos que o comércio era realizado de modo solidário entre as rendeiras, principalmente quando as encomendas eram grandes. O trabalho era dividido entre as rendeiras, como uma toalha de banquete, por exemplo, uma rendeira contratava outras rendeiras para ajudar a fazer, uma ficava responsável pela fabricação da barra, outra pelo quadro, e outra ainda pelas emendas. Quando as rendeiras que estavam em Criciúma, não davam conta de alguma encomenda por ser grande e o prazo era curto para entrega, era necessário contatar as rendeiras da terra natal para poder concluir o pedido, formando uma rede econômica, em torno desse artesanato.

Havia também aquelas rendeiras, que além de fazerem as rendas, contratavam outras para vender os produtos, as chamaremos de atravessadoras, pois apenas vendiam, não confeccionavam. Eram geralmente pessoas do sexo feminino, havendo algumas exceções, como familiares masculinos que auxiliavam as mulheres nas vendas, geralmente moravam em outras cidades. Depois de prontas as encomendas, atravessadoras, recolhiam as rendas e levavam para vender, muitas vezes levando para fora do estado catarinense.

As rendeiras de Laguna, segundo Dona Custódia, trabalhavam com encomendas as linhas eram fornecidas por quem contratava o trabalho, cabendo a elas somente a confecção das rendas.

A história de vida de rendeiras de Imaruí chamou-me a atenção, ao iniciar este trabalho debruçei-me em retratar o cotidiano, de duas irmãs rendeiras, que solteiras vieram para Criciúma, Maria Rocha Brasil e Madalena Rocha Brasil falecida em 09 de julho de 1999, sua história será narrada por Maria que durante algum tempo exerceu a função de rendeira na cidade, mas com o tempo distanciou-se dos bilros e das almofadas para seguir outra profissão a de servente de escola deixando a arte somente para sua irmã, ajudando-a no comércio das rendas.

### 4.3 HISTÓRIA DE DUAS IRMÃS RENDEIRAS EM CRICIÚMA

Maria Rocha Brasil<sup>8</sup>e Madalena Rocha Brasil<sup>9</sup> são filhas de Víctor Rocha Brasil<sup>10</sup>e Laurentina Vicentina Brasil,<sup>11</sup>nascidos na a cidade de Imaruí, Maria conta:

Os pais do meu pai. A minha avó era negra e o meu avô, por parte de pai era branco. Dizem que era português filho de português. A minha avó era Josefa de Jesus, e o meu avô era Martinho Rocha. O meu avô quer dizer,era branco. Mas, eu não conheci o meu avô, só a minha avó. [...] pois, a minha avó deu o meu pai para o pai dele, que era o Martinho Rocha, porque ela não tinha condições de criar ele.

Maria fala que sua avó paterna, Josefa era empregada na casa de seu avô paterno, Martinho Rocha. Aparentemente nos demonstra que sua avó permaneceu trabalhando na casa de seu avô após a escravidão se envolvendo com o mesmo, a ponto de terem um filho. Josefa deixando seu filho, com o Pai Martinho. Martinho reconhecendo a paternidade, levou seu filho a quem deu o nome de Victor, para os cuidados de sua irmã e comadre, dando-lhe seu sobrenome Rocha. Tal ato de Martinho Rocha leva-me a pensar que sua relação com a mãe de seu filho pode ter sido envolvida por afeto. Vitor além de criado na família do pai recebeu educação e foi a escola filho. Josefa retornou depois de idosa e foi morar na casa de seu filho, na época já estava casado e havia constituído família.

É necessário compreender que, Maria era criança na época que sua avó foi morar com elas. Ela entende que sua avó, ao deixar seu pai, Victor, cometeu abandono e descaso, pois a mesma só retornou, porque estava necessitando de ajuda para seus outros filhos que adquiriu com outro homem.

À parte da minha mãe, eu só conheci meu avô. Era o, Luiz Inácio Vieira, a certidão dele estava assim na ocasião [...] pois é, os meus avós maternos. Chamavam Pai Luís para ele, uma porção de gente o chamava de Pai Luiz e tinha assim, ele bebia um pouquinho, chegava meio torto em casa e falava meio atrapalhado, que ele tinha uma parte de epilepsia, epilético parece, epilético ou aquele outro? Como é? Eu sei que de vez em quando dava aquele ataque. Ele vivia com a minha mãe, viveu conosco, até morrer. Eu era pequena, eu penteava o cabelo dele, era de negro, mas ele não era desses negros assim pretos, era daquele assim mais “disfarsadinho”.

<sup>8</sup> Maria Rocha Brasil, nascida em 03 de fevereiro de 1925, na Cidade de Imaruí, SC

<sup>9</sup> Madalena Rocha Brasil, nascida em 11 de maio de 1909 e falecida em 09 de julho de 1999, na Cidade de Criciúma, SC

<sup>10</sup> Vitor Rocha Brasil, falecido em 06 de dezembro de 1947.

<sup>11</sup> Laurentina Vicentina Brasil, falecida em 06 de abril de 1942.

Percebe-se na fala de Maria, atualizando suas memórias a presença da Religião africana no apelido de seu avô materno, “pai”, normalmente chamado aos pais de Santos no candomblé...

Esses momentos referem-se à infância de Maria, à sua história de inserida em um grupo social específico em que a renda de bilro se entrelaçava a conceito e condições outras, já pontuadas no texto, que são de fundamental importância no processo de sua constituição.

Filha de pescador, Maria morava próximo a Lagoa de Imaruí aprendendo aproximadamente com 12 anos a arte de rendar com sua irmã mais velha Madalena Rocha Brasil, que aprendeu no convívio com as pessoas do lugar e provavelmente familiares de seu pai, possivelmente descendentes de açorianos, até o fim de sua vida foi rendeira, confeccionando e vendendo para muitas cidades,

Eu aprendi a fazer renda com 12 anos, eu fazia perfeitamente com 14 anos vendi uma renda assim bem grande, eu me lembro era bem grande. Às vezes eu fico pensando como é que fiz aquilo. Comprei o vestido da minha 1ª comunhão, já foi eu que comprei<sup>12</sup>

Após o falecimento de seu pai, tudo ficou difícil, Madalena e Maria, tinham mais duas irmãs pequenas para ajudar no sustento, tendo que vender parte de suas propriedades em Imaruí, para sobreviverem. Em entrevista, Maria contou-me que Madalena, sua irmã mais velha, vendia suas rendas, e com isso ajudava no sustento, dela e de suas irmãs, mais tarde de seus sobrinhos, pois a mesma não constituiu família.

Eu, quando pequena ajudava minha irmã Madalena a vender as rendas. Ela se juntava com suas amigas, também rendeiras Erundina e Ondina, para vender as rendas. Mas eu não gostava de fazer rendas, era muito chato!! Levava muito tempo para fazer uma renda aí... Eu não gostava. Mas minha irmã, esse sim! Ela era uma rendeira de mão cheia!!<sup>13</sup>

Maria fala que aos dezesseis anos não fazia mais rendas, passando exercer o ofício de costureira, mas ajudava sua irmã, quando tinham muitas encomendas de rendas, mantendo-se também no trabalho de comercializar as rendas de Madalena.

---

<sup>12</sup> Ibidem-Maria Rocha Brasil, nascida em 03 de fevereiro de 1925, na Cidade de Imaruí, SC

Em, 01 de março de 1955, Maria veio para Criciúma, e logo depois voltou para buscar suas irmãs, para juntas iniciar uma nova vida. Visto que, a cidade na época, era um chamariz, para quem vinha em busca de novas oportunidades de emprego. Disse que ao chegar na cidade foi morar com sua irmã, Maria Terezinha Brasil de Oliveira nascida em 18 de janeiro 1930 e falecida em março de 1974. Na época casada e estabelecida na cidade, na Vila Operária Santa Bárbara há mais ou menos três anos. Após trazer suas irmãs, Maria Zélia nascida em 11 de novembro de 1934 e falecida em 30 de agosto 2013, e Madalena Rocha Brasil, nascida em 11 de maio de 1909 e falecida em 09 de julho de 1999, e sua irmã mais nova Marlene. Maria foi morar em uma casa alugada no centro da cidade, onde dividiam-se entre dupla jornada. Maria fala:

Eu estava muito doente, porque eu trabalhava na máquina [de costura], e me doía muito as costas, minha irmã, também cozinhava muito bem e me ajudava fazendo doces para casamentos, comidas e muitas vezes o bolo, eu confeitava. E costurava as roupas das festas.... Aí me cansava muito, o mais cedo que eu ia dormir era meia noite. Enfrentamos muitas coisas até minha irmã se acertar na cidade vendendo rendas. Consegui muitos clientes e saía a vender as rendas, vendia em Torres, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Tramandaí, Capivari, Laguna... em quase toda Santa Catarina, e em algumas cidades brasileiras.

Nas cidades litorâneas, nos dias atuais, geralmente as rendeiras trabalhavam em pontos de posição estratégica, na passagem dos banhistas para o mar, nas calçadas das praias em Florianópolis.

Para as rendeiras de Criciúma a vinda a cidade que representou um marco na vida dessas mulheres, que lhes proporcionou uma estrutura física do trabalho artesanal, centralizando no ambiente domiciliar. Em Criciúma, as rendeiras fabricavam suas rendas em espaço doméstico e vendiam para professoras, médicas, advogados e outras mulheres em alguns casos homens, que apreciavam seus trabalhos. Ou entregavam para aquelas rendeiras que iam em tempo de veraneio vender rendas nas praias do Rio Grande do Sul.

Maria e Madalena tiveram muitos sobrinhos, ajudando-os no sustento, com o trabalho das rendas e funções auxiliares que as mesmas exerciam.

Madalena em sua casa em Criciúma seguia o mesmo hábito, que trazia desde quando morava na cidade de Imaruí, em sua sala, tinha um varal onde expunha suas rendas, para o comércio.

Lembro-me bem, pois Madalena e Maria são minhas tias, recordo de Madalena sentada em uma cadeira, sempre mesmo no cantinho da sala, fazendo suas rendas. Sentava-me no chão aos pés dela e a ouvia contar história, como faziam as rendeiras onde moravam. Algumas vezes tentava me ensinar a arte, mas era muito difícil e eu criança, tinha outros interesses. Contava-me, que em sua mocidade, na cidade de Imaruí, se unia com amigas na beira da Lagoa cantavam e rendavam, quanto mais cantavam, mais faziam rendas, parece que aumentavam... Rapidinho já haviam feitos um cesto de rendas, depois estendiam as peças prontas no varal colocado nas árvores da lagoa, para expor as mercadorias.

Também nos relata que Madalena, tinha uma grande clientela em Criciúma, que se localizavam na parte central da cidade, lugar esse onde residiam pessoas com condições financeiras melhores.

Como as rendas confeccionadas eram de valores que pareciam caros, e quem as adquiria tinham poderes aquisitivos elevados, Madalena e Maria acabaram por se relacionarem com pessoas da chamada “alta sociedade” de Criciúma, fazendo com que as estimulassem a comprar uma casa, no Centro da cidade onde Maria mora até os dias de hoje.

Essa folha de caderno solta e amarelada pelo tempo apresenta os registros da venda das rendas de Madalena nos anos de 1980.

Vera Jacaco Pequeno maior 1 Trilho de entrada dia 14-9-83	men 14,000,00 -30,000,00 <u>11,000,00</u> 3,000 <u>09,000,00</u> 5,000,00	Ana Altoffe dia dia 15-9-83	80,000,00 20,000,00 <u>60,000,00</u>
dia 4-10-83	3,000	" " 18-10-83	20,000,00 <u>40,000,00</u>
" 11-11-83	09,000,00 5,000,00	" em 11-11-83	20,000,00 <u>20,000,00</u>
Ma da Dores Sabogas 1 jogo oval dia 2-8-83 dia	8,000,00 -2,000,00 <u>6,000,00</u> 2,000,00 <u>4,000,00</u> 4,000,00 <u>0,000,00</u>	Eliane Medeiros/ em frente ao colégio compra de trilho dia dia 12-9-83	120,000,00 5,000,00 <u>07,000,00</u> 3,500,00 <u>3,500,00</u>
dia 29-9-83 "	4,000,00	" " 28-10-83	3,500,00 <u>3,500,00</u>
" 31-10-83 " pg	4,000,00 0,000,00	Primeira Dão José 583/ perto da S. Vitoria Melde Pereira Burigo primeiro pagamento dia 1 Trilho de dia dia 29-9-83	120,000,00 4,000,00 <u>08,000,00</u> 4,000,00 <u>4,000,00</u> 4,000,00 <u>4,000,00</u> 2,000,00
Ana Altoffe compra dia 12-Setembro 1 toalha de banquete men 1 Trilho de dia	65,000,00 15,000,00 <u>80,000,00</u>		

Documento encontrado na residência de Maria Rocha Brasil em 08 de setembro de 2015

Trata-se de uma folha dupla de caderno pequeno, com algumas rasuras devido ao tempo. Em papel como esse, as rendeiras registraram os nomes de suas clientes e o valor das rendas vendidas, bem como, o modelo que havia sido vendido. Cadernetinha, assim chamado por Maria que era responsável pela entrega das rendas e recebimento dos valores pagos. Maria lamenta não terem deixado esse legado as suas sobrinhas, já que ambas não tiveram filhos, pois suas sobrinhas nunca mostraram interesse em aprender tal arte.

As Rendas de Bilro foram, e ainda são, em alguns lugares do estado, uma grande fonte de rendas. Como a história destas mulheres que falamos neste trabalho há muitas outras, na cidade de Criciúma, numa época, que a mulher só era vista pela sociedade, como cuidadora, de seus filhos mostraram como poderiam ajudar na renda familiar sem, que mesmo, abandonassem seus afazeres, domésticos e suas obrigações como mãe.

O legado das duas (são algumas peças de renda, os instrumentos como bilros, almofada, tri-pé da almofada, e a própria caderneta) que se apresentam como suportes materiais do saber fazer.

A importância do registro dessa arte se dá para que as novas gerações conheçam o passado das pessoas que vieram antes delas, ajudando a não deixar morrer e preservando a arte das rendeiras.

As pesquisas nos comprovam que até 2000 ainda havia comércio de rendas na cidade de Criciúma, que foram se finalizando com as mortes das principais rendeiras e por não passarem as técnicas a seus familiares.

.

## 5 CONCLUSÃO

O TCC buscou mostrar que em Criciúma também tivemos a experiência do saber fazer rendas de Bilro. “Elas também passaram por aqui”.

O primeiro capítulo trata da exploração carbonífera em Criciúma, iniciado no início do século XX. Tal exploração ocasionou abertura de minas de carvão, que em virtude da mesma oportunizou muitos empregos nas carboníferas. Assim muitas pessoas migraram, em busca de trabalhos fixos. Ao chegar cidade, moravam em casas cedidas pelas carboníferas nas chamadas vilas operárias. Levando em consideração esse aspecto, Criciúma recebeu migrantes de várias culturas trazendo consigo nas bagagens, suas heranças culturais, aquelas passadas de geração em geração. Aquelas heranças que identificam um povo.

Neste contexto foram às rendeiras de bilros, esposas, irmãs, vizinhas de mineiros que trouxeram essa arte para cidade de Criciúma. A Renda de Bilros pertence aos “saberes” do Patrimônio Cultural Imaterial, que são técnicas, práticas culturais que envolvem a culinária, o artesanato, a música. Esse foi o assunto tratado no segundo capítulo a renda de bilro, como um patrimônio cultural imaterial, de origem açoriana trazida para Criciúma pelos migrantes do litoral.

No terceiro e último capítulo foram apresentados os resultados das pesquisas e entrevistas, destacando as rendeiras que vieram para Criciúma junto com a migração. Falou-se de alguns aspectos do seu cotidiano como rendeira, que num período dominado por homens, conseguiram se destaca na arte do saber fazer, da renda de bilro, auxiliando na renda familiar. Neste capítulo também trato da história de vida de duas rendeiras negras e netas de escravos a qual foram meu incentivo para este trabalho.

Alcançando os objetivos desejados, mostrando que as rendas de bilro estiveram presentes em Criciúma, em virtude da mineração. Por meio de um quadro que identifiquei as rendeiras, sua dada de nascimento e morte, ano que vieram para cidade, cidade de onde migrou. Esse “saber fazer” parece ter terminado com a morte das rendeiras e o desinteresse dos familiares. Pode-se afirmar que esse saber fazer, contribuiu para a economia da cidade.

Neste contexto, cabe lembrar que as mulheres participaram do desenvolvimento regional, tanto quanto os homens, assumindo uma dupla jornada de trabalho independente das funções exercidas, tanto como: escolheiras, faxineiras, domésticas, lavadeiras, bordadeiras e rendeiras.

Este trabalho também poderá ser utilizado como fonte de pesquisa, para estudante interessados, acerca deste assunto. Sabendo-se que há poucas fontes de pesquisa a respeito das rendas de bilro, sendo essa é a primeira, pesquisa da renda de bilro na cidade de Criciúma.

Nada melhor que a arte humana, quando bem realizada, por nutrir uma história, uma herança que não pode morrer, o trabalho realizado pelas rendeiras de bilro é uma tradição, uma cultura que o progresso não conseguiu superar. Na capital catarinense, essa cultura se mantém firme, com algumas adaptações, mas ainda se matem pelas rendeiras de Vargem Pequena, Ratonas, Ponta das Canas, Campeche, Rio Tavares entre outras. A renda de bilro é uma arte popular, reconhecida mundialmente, que nos últimos tempos, vem sofrendo um processo de extinção em alguns lugares pelo falecimento de algumas rendeiras ou por falta de interesse dos herdeiros da cultura, mas se manterá sempre presente nos oriundos da cultura açoriana que não as deixará morrer. (SOARES, 2006)

Para conhecer quem eram as rendeiras mais procuradas em Criciúma, lançamos um segundo projeto de pesquisa, intitulado: As rendeiras e suas “freguesas”: Arte, estética e comércio das rendas de bilro a partir do ciclo do carvão (Criciúma, 1930-1980).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mario (org). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009;
- AMARAL, Juaci do. **Transformações na Paisagem no Município de Imaruí, SC**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.
- ATAIDES, Jésus Marco de. (Org), MACHADO, Laís Aparecida, SOUZA, Marcos André Torres. **Cuidando do Patrimônio Cultural**. Goiania: Ed. UCG. 1997.
- ANDRADE, Mario de. In: LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**, 1981;
- ANGELO, Elis Regina Barbosa. **Tecendo Rendas: Gênero, Cotidiano e Geração/ Lgoa da Conceição Florianópolis – SC**. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 2005;
- BERNARDO, Roseli Terezinha. **O tempo e os Espaços de entretenimento das famílias Operariam Mineiras**. In: GOULART, Alcides Filho (org). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**, Florianópolis: Ed Cidade Futura 2004.394.p.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 199;
- CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982;
- CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da História**. Florianópolis: UFSC. 2002.p.263
- CARVALHO, Francisco. **Canção das Jovens Rendeiras**, Rio de Janeiro: in Dimensão das coisas, 1967.
- COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo Isso Eles Contavam...** Memória dos moradores do Bairro Santo Antônio. Criciúma-SC. 2000.p.135.
- DE CASTELLS, Alícia Norma González e GODOY, Clayton Peron Franco (orgs). **Ecos e Imagens do Patrimônio Imaterial**: inventario nacional de referências culturais do sertão de Valongo. Florianópolis, SC: Iphan, 2008.
- GOULART, Alcides Filho. **Apresentação**. In: GOULART, Alcides Filho (org). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**, Florianópolis: Ed Cidade Futura 2004.394.p.
- FOTOS, Tiradas pelo celular.  
IBGE: 1959
- LEMOS Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**, 1987
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Re) **introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996
- NASCIMENTO, Dorval **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**, 2004.p.394
- NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In: Projeto História, revista do programa de estudos pós-graduados em história do Departamento de História- PUC/ São Paulo, 1993.
- PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2009.p.135
- PIAZZA, Walter F.A **Epopéia Açoriana (1748-1756): Influência Cultural dos Açores em Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Ed. Conselho Estadual de Cultura, 1987
- SANTANA, José Acácio. STOCCO, Gessy Cheren. **Hino de Criciúma**. Criciúma: 1972.  
[http://www.afasc.com.br/quem\\_somos/hinos#hino-](http://www.afasc.com.br/quem_somos/hinos#hino-)

SOARES, Dolares. **Folclore Catarinense**. Florianópolis: SC: Ed. UFSC. 2ª Ed. 2006.p. 224

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, Cultura e Poder na sociedade do esquecimento**: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. Faculdade de Educação e Centro de Memória da UNICAMP, 2009.

ZANELLA, Andréia Vieira. **O Ensinar e o Aprender a Fazer Renda de Bilro**: Estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural. Tese, Doutorado em Psicologia da Educação, PUC-SP, 1997

### **FONTE ORAL**

1-Custódia Ramos Melo nascida em 1923, na cidade de Laguna, rendeira, entrevista realizada no dia 06/09/2015 na residência de sua filha Susete Melo na Cidade de Criciúma. Entrevista realizada por :Marli de Oliveira Costa e Jaqueline Damázio.

2-Maria Cechet, entrevista feita por telefone no dia 04 de outubro de 2015. Entrevista realizada por Jaqueline Damázio.

3-Maria Rocha Brasil, nascida no dia 03 de fevereiro de 1925 na cidade de Imaruí. Entrevista realizada dia 09 de setembro de 2015 em sua residência em Criciúma. Entrevista realizada por: Marli de Oliveira Costa e Jaqueline Damázio.

## ANEXOS



Foto realizada com Maria Rocha Brasil em sua residência em Criciúma, 2015



Foto de Madalena Rocha Brasil, encontrada no acervo de Maria Rocha Brasil.



Fotos realizadas na residência de Maria Rocha



Foto realizada com Maria Rocha Brasil e a acadêmica pesquisadora Jaqueline Damázio



Foto realizada na casa de Custodia Melo com Marli Costa



Fotos de rendeira, Maria Rocha Brasil Damázio , Jaqueline Damázio e Marli Oliveira Costa na residência de Maria no dia 09 de setembro de 2015



Maria Cardoso, sua filha Dilma de Souza.

Estada  
 Família Guimarães Leal  
 no dia 27 de junho  
 entrada 4.000,00  
 " 27 julho - 4.000,00  
 " 1º agosto - 3.000,00  
 pago 15.000,00

Maria Regina Leal  
 Cond. Viagem, Sim: Henrique Jorge  
 compr. 1 bilhete de 15.000,00  
 entrada 10-7-83 4.000,00  
 " " " 4.000,00  
 dia 15-9-83 17.000,00  
 " " " 4.000,00  
 pago 5.000,00  
 15.000,00

Uma Starec Benque (Starec e Benque)  
 Um bilhete de 17.000,00  
 dia 27-8-83 4.000,00  
 " " " 4.000,00  
 dia 9-10-83 9.000,00  
 " " " 4.000,00  
 11-25-11-83 5.000,00

Documento encontrado na residência de Maria Rocha Brasil em Criciúma em 08 de set de 2015.

Uma Alote	800,000
deu dia 15-9-83	200,000
	<u>600,000</u>
11 11	18-10-83
	<u>200,000,00</u>
	400,000,00
11 20m	11-11-83
	<u>200,000,00</u>
	200,000,00
<p>Exame Medico/sem teste de          sangue de 12-9-83 1200,00          deu dia 12-9-83 500,00  <u>07.000,00</u>          11 11 28-10-83 - 3.500,00          3.500,00</p>	
<p>Primo: José José 583/8. Santa          Paula Pereira Ruygo          Apimimo pagamento Lembrança          de 11-11-83 1200,00          deu dia 29-9-83 400,00  <u>08.000,00</u>          11 11 4-10-83 400,00          400,00</p>	
dia 29-11-83	4000,00
	<u>4000,00</u>

Documento encontrado na residência de Maria Rocha Brasil em Criciúma em 08 de set de 2015.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC  
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-PIC 170  
PROJETO: CIRCULANDO PELA CIDADE: RECONHECENDO O SABER  
FAZER DAS ARTESÃS DA RENDA DE BILRO EM CRICIÚMA (1950-1980)  
PROFESSORA ORIENTADORA- MARLI DE OLIVEIRA COSTA  
ACADEMICA- JAQUELINE DAMAZIO

**Ficha de Identificação das mulheres rendeiras de bilro em Criciúma**

**1- Identificação do/a informante**

Nome completo Maria Lizete Fernandes Venturino

Data de nascimento 02/08/1934

Local de nascimento Imaruí

Endereço .....

Telefone 3476 0836

**2- Qual o grau de parentesco com a rendeira**

mãe ( ) avó ( ) irmã ( ) prima ( ) bisavó ( ) tia ( ) vizinha  
( ) outro qual? .....

**3- Qual o nome da rendeira** Maria Alexandrina (D. Daisy) Fernandes

Dt. Nascimento - 1905  
Dt. 1996 - 1996

**4- Ano que a mesma veio para Criciúma** 1958 (viuvou e veio)

**5- Motivo da vinda para Criciúma** Embragar o filho José Fernando, na Carbonífera Asspaco de Moraville

**6- Bairro que morava em Criciúma** Jogo Pessoa, depois Mc. P. de Criciúma, e por último D. Castilhos

**7- Local (cidade) de onde veio** Imaruí

**8- Até que ano teceu as rendas** Dezembro de 1980

**9- Para quem vendia as rendas** D. Flor (rendeira) levava para D. Maria Caetana que passava mais tempo nas Rendas do RGS e lá vendia as rendas. Levava também pt. Madalena

Continuação 1

10- Qual o motivo que a fazia comercializar as rendas. O esposo tinha um problema nos pernas mas passava o trabalho - Ela se afliha com os filhos sustentavam a casa com renda. Depois a entrevista - costurava, fazia renda e agia

Observações e faziam renda, que vendia na Rua Alca. S. Antônio de novo.

#### Autorização de uso das informações e nomes

Eu, Maria Lúcia Fernandes Venturini, autorizo a utilização dessas informações para pesquisas acadêmicas, inventários e/ou publicações.

Maria Lúcia Fernandes Venturini

Assinatura

Criciúma, ...../...../.....

Fazia rendas, rendas, rendas.  
p/ ~~se~~ Colocar em camisola.

Ficha 2

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC  
 PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-PIC 170  
 PROJETO: CIRCULANDO PELA CIDADE: RECONHECENDO O SABER  
 FAZER DAS ARTESÃS DA RENDA DE BILRO EM CRICIÚMA (1950-1980)  
 PROFESSORA ORIENTADORA- MARLI DE OLIVEIRA COSTA  
 ACADEMICA- JAQUELINE DAMAZIO

Ficha de Identificação das mulheres rendeiras de bilro em Criciúma

1- Identificação do/a informante

Nome completo... Maria de Souza Vieira  
 Data de nascimento... 08/10/1924  
 Local de nascimento... Imaui  
 Endereço... Blumenau  
 Telefone... (47) 9795-6468

2- Qual o grau de parentesco com a rendeira

mãe ( ) avó ( ) irmã ( ) prima ( ) bisavó ( ) tia ( ) vizinha  
 ( ) outro qual?.....

3- Qual o nome da rendeira... Dilma de Souza

4- Ano que a mesma veio para Criciúma... 10/1964

5- Motivo da vinda para Criciúma... em busca de trabalho

6- Bairro que morava em Criciúma... São Custódio

7- Local (cidade) de onde veio... São Custódio antigo  
Bairro = 25

8- Até que ano teceu as rendas... até falecer em 1993

9- Para quem vendia as rendas... para mãe, para sobrinha  
Carolina Bonetti

10- Qual o motivo que a fazia comercializar as rendas...

para a sua filha (sobrevivência)

Observações: Dilma quer dizer a fazer rendas com sua mãe Maria, Ladere, filha de Picurucha ainda morava em Criciúma juntamente com sua filha no ano 1964, os dois filhos a primeira nome é pendão e suas informações foram feitas por telefone, sendo através da mãe...

Autorização de uso das informações e nomes
Eu, .....
Identidade número....., autorizo a utilização dessas informações para pesquisas acadêmicas, inventários e/ou publicações.

Assinatura

Criciúma, ...../...../.....

Ficha 3

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC  
 PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-PIC 170  
 PROJETO: CIRCULANDO PELA CIDADE: RECONHECENDO O SABER  
 FAZER DAS ARTESÃS DA RENDA DE BILRO EM CRICIÚMA (1950-1980)  
 PROFESSORA ORIENTADORA- MARLI DE OLIVEIRA COSTA  
 ACADEMICA- JAQUELINE DAMAZIO

Ficha de Identificação das mulheres rendeiras de bilro em Criciúma

1- Identificação do/a informante

Nome completo... Maria Barcelos de Oliveira  
 Data de nascimento... 05/06/1937  
 Local de nascimento... Capivari  
 Endereço... São Sebastião, 349 - B. Próspera - Criciúma-SC  
 Telefone.....

2- Qual o grau de parentesco com a rendeira

( ) mãe ( ) avó ( ) irmã ( ) prima ( ) bisavó ( ) tia ( ) vizinha  
 (X) outro qual? Cunhada

3- Qual o nome da rendeira... Paulina Cardoso de Oliveira  
Leiteira Maria de Oliveira - 3- Maria de Oliveira  
Maria -

4- Ano que a mesma veio para Criciúma... 1-1959 - 2-1956 - 3-1955  
 5- Motivo da vinda para Criciúma... Acompanhar os esposos  
para o trabalho na mineração

6- Bairro que morava em Criciúma... Próspera

7- Local (cidade) de onde veio... Imarai SC

8- Até que ano teceu as rendas... Paulina (se lembra) - Leiteira  
Maria (até 2014) - Maria (se lembra)

9- Para quem vendia as rendas.....

10- Qual o motivo que a fazia comercializar as rendas... Ajudar a vender famílias

Observações A entrevistada contou que aprendeu com as cunhadas a fazer as tranças, bico para balhas, mas nunca conseguiu fazer uma folha grande. Aconteceu em Itamaracá por volta de 1959.

#### Autorização de uso das informações e nomes

Eu, Maria Barcelos Alves  
 Identidade número 3.425.806, autorizo a utilização dessas informações para pesquisas acadêmicas, inventários e/ou publicações.

Maria Barcelos de Oliveira  
 Assinatura

Criciúma, 04 / 12 / 2015

Ficha 4

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-PIC 170**  
**PROJETO: CIRCULANDO PELA CIDADE: RECONHECENDO O SABER**  
**FAZER DAS ARTESÃS DA RENDA DE BILRO EM CRICIÚMA (1950-1980)**  
**PROFESSORA ORIENTADORA- MARLI DE OLIVEIRA COSTA**  
**ACADEMICA- JAQUELINE DAMAZIO**

**Ficha de Identificação das mulheres rendeiras de bilro em Criciúma**

**1- Identificação do/a informante**

Nome completo maria Sele Banzolo Zanaboni e Maria Lúete

Data de nascimento.....

Local de nascimento.....

Endereço .....

.....

.....

Telefone.....

**2- Qual o grau de parentesco com a rendeira**

( ) mãe ( ) avó ( ) irmã (  ) prima ( ) bisavó (  ) tia ( ) vizinha

( ) outro qual?.....

**3- Qual o nome da rendeira** Tia: Corina Alexandrino

Marica Conceição Alexandrino - faleceu - 2010

Alba Alexandrino | 03/04/1925

**4- Ano que a mesma veio para Criciúma** .....

**5- Motivo da vinda para Criciúma** .....

.....

.....

**6- Bairro que morava em Criciúma** .....

.....

**7- Local (cidade) de onde veio** .....

.....

**8- Até que ano teceu as rendas** nas 50 mult - mais

ou menos até uns 30 anos

**9- Para quem vendia as rendas** Freguesia na loja

Casa Alba

.....

.....

2016  
3/3

2016  
8/3

5 dorcas 1890  
faleceu

10- Qual o motivo que a fazia comercializar as rendas. Para o sustento de casa.

Observações. Quando pequena aprendeu em Imeri a Costura em mais velha e coordenou o trabalho das Imeri em Imeri (Mário Acad. Ladil. Fato) vend em casa, depois mudou a cidade

**Autorização de uso das informações e nomes**

Eu, Maria Salete Bonciolo Zaniboni.....  
Identidade número....., autorizo a utilização dessas informações para pesquisas acadêmicas, inventários e/ou publicações.

M. Salete B. Zaniboni

Assinatura

Criciúma, ...../...../.....

A luchs em  
na Criciúma.

Com pra